

A PRÁTICA DA LEITURA TRANSFORMANDO CAMINHOS: a leitura além da sala de aula

The practice of reading turning paths: reading beyond the classroom

Ladislei Marques Felipe Castro¹
Lilian Inácio da Silva Mendes¹

Resumo: Durante o processo de ensino-aprendizagem observou-se que, muito mais que um ato de folhear um livro, a leitura nos leva a obter um conceito mais amplo sobre nossa verdadeira construção intelectual e profissional. Com base em pesquisas prévias, este trabalho terá como fundamentação a formação de leitores e quanto isso tem influência no seu dia a dia. Já dizia Bakhtin que a prática da leitura representa um fenômeno social, então por que essa sociedade se comporta de forma indiferente para a formação de um leitor, esse fluente, crítico, capaz de impor suas necessidades? Embora saibamos que essa formação precisa de uma educação de qualidade, profissionais capacitados, e com muita disposição para mudar a situação de alunos analfabetos funcionais em alunos com formação ampla, como sugere o PCN, também serão abordadas as estratégias de leitura e como as tecnologias estão influenciando a formação de um leitor. Um ponto relevante nesse trabalho é a importância do papel familiar, esse que faz com que os futuros leitores saibam realmente qual é seu papel na sociedade, o quanto a leitura pode construir uma pessoa capacitada para o trabalho, tendo o apoio da sociedade e do meio em que o aluno vive, podendo, assim, se transformar num leitor fluente e crítico. O papel do professor é fundamental para discutir, aprofundar e transmitir conhecimentos para a formação de um bom leitor. A mediação da leitura deve ser aprofundada de forma que os alunos entendam que ler é tão importante quanto escrever.

Palavras-chave: Professor. Leitura. Aluno.

Abstract: During the process of teaching and learning it was observed that much more than an act of leafing through a book reading leads us to get a broader concept of our true intellectual and professional construction. Based on previous research this work will grounds the formation of readers and how much it has influence in their day to day, it was for Bakhtin that reading practice is a social phenomenon, then why this society behaves indifferently for training a reader, that fluent, critical, able to impose their needs. Although we know that such training needs a quality education, skilled professionals, and a lot of willingness to change the situation of functional illiterates students, students with extensive training, as suggested by the NCP, will also be addressed to the reading strategies and how technologies they are influencing the formation of a reader. An important point in this work is the importance of family role, those who makes that future readers really know what their role in society, as the reading can build a qualified person for the job, and with the support of society and the environment in the student lives can thus become a fluent reader and critic. The teacher's role is critical to; discuss, deepen and impart knowledge to the formation of a good reader, reading the mediation must be deepened, so that students understand that reading is as important as writing.

Keywords: Teacher. Reading. Student.

Introdução

Há muito tempo desenvolvemos a prática da leitura e também criamos significados para esse hábito. Assim, a partir do entendimento de que a literatura é a arte da escrita, ou melhor dizendo, a arte da palavra, devemos prestar muita atenção na literatura, pois é a partir dela que formamos e obtemos novos conceitos sobre os acontecimentos históricos do passado.

Baseado no interesse da leitura, Bakhtin (1981) disse que a prática da leitura representa um fenômeno social. Assim, a literatura tem um papel essencial ao homem, ela faz com que possamos analisar e criticar sobre situações que com o simples ato de ler, nos torna viventes das

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

histórias contadas. O melhor de tudo é que com esses acontecimentos podemos nos emocionar e transmitir esses fatos a novos leitores.

Com isso observamos que a prática da leitura está ganhando novas formas, dando novos caminhos para que não deixemos de fazê-la. Dando então espaço às novas tecnologias e trazendo os alunos e leitores em formação mais perto das palavras.

É com base nas novas práticas de leitura que vamos discorrer esse artigo. Verificaremos como podemos trazer para a sala de aula as novas tecnologias sem que o contexto e a importância dos clássicos literários deixem de ter valor.

A importância do professor na sala de aula

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Seção III, Art. 32º (BRASIL, 1996), o Ensino Fundamental, com duração mínima de nove anos, tem por objetivos, além da formação básica do cidadão, desenvolver a capacidade de aprender. Dentre os objetivos, está o pleno domínio da leitura e escrita, mas, nos perguntamos: isso está sendo cumprindo? Encontramos alguns impasses à leitura a respeito desse objetivo.

Durante os estágios obrigatórios de nossa formação acadêmica nos deparamos com alguns entraves em relação a esse objetivo, não culpamos a lei, mas sabemos que o processo de leitura se dá todos os dias, como práticas repetitivas, lembrando que estamos falando do processo de leitura e não do entendimento e sua relação pessoal com os saberes.

A partir do contato com os alunos, tomou-se como objetivo o processo de leitura em que já haviam passado, como eles praticam, quando iniciaram seus primeiros contatos com as letras, como se interessaram pela leitura. O caminho percorrido foi longo, pois a leitura é um processo consecutivo dos outros aprendizados, como o contato visual, formação familiar, decodificação de signos, persistência. Isso começa muito antes do aluno ou da criança chegar ao ambiente escolar.

Sempre que falamos de leitura lembramos dos professores do jardim de infância, aquele que nos ensina o a, e, i, o, u; ba, be, bi, bo, bu. Recordamos daquela professora carinhosa, amiga, que nos fez conhecer o mundo das letras e palavras. Este processo inicial é de extrema importância para a formação de futuros leitores. O gosto pela leitura se dá por meio de contações de histórias (geralmente dos clássicos infantis, como: Chapeuzinho Vermelho, Patinho Feio, entre outros.) É através desse primeiro contato que a criança inicia seu gosto pela leitura.

A sala de aula é um dos ambientes principais para a mediação da prática de leitura. Por isso devemos dar importância a esse processo pedagógico, pois, a mediação entre aluno professor vai muito além da estrutura escolar, ela passa pelo psicológico, o familiar, e os conhecimentos que os alunos já possuem, ou seja, passa por suas leituras de mundo.

Confirmando a importância da função pedagógica, observe o que Palo e Oliveira (1986, p. 13) falam sobre isso:

A função pedagógica implica a ação educativa do livro sobre a criança. De um lado, relação comunicativa leitor-obra, tendo como intermediário o pedagógico, que dirige e orienta o uso da informação; de outro, a cadeia de mediadores que interceptam a relação livro-criança: família, escola, biblioteca e o próprio mercado editorial, agentes controladores de usos que dificultam à criança a decisão e escolha do que e como ler.

Não podemos deixar de lembrar que quando lemos para pessoas, sendo eles alunos, filhos, pessoas que estão em nosso entorno, estamos transmitindo uma infinidade de saberes, ato que também nos engrandece. Nossa imaginação permite que muito além de palavras, podemos viajar por lugares dentro de nossos pensamentos quando nos envolvemos com a leitura. Percebemos o quanto ela é importante para a formação individual de cada cidadão, entre eles, crianças em desenvolvimento. Podemos perceber que ela pode fazer muita coisa com a imaginação, pois as histórias contadas por outra pessoa podem ter um valor inexplicável na vida de uma criança.

Para Vygotsky, a criança nasce inserida num meio social, que é a família, e é nela que estabelece as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros. Nas interações cotidianas, a mediação (necessária intervenção de outro entre duas coisas para que uma relação se estabeleça) com o adulto acontece espontaneamente no processo de utilização da linguagem, no contexto das situações imediatas.

Fica claro que a criança precisa de um mediador, e, independente de quem o seja, pai, mãe, avós, professores, sociedade, ela sente necessidade de auxílio para o processo de iniciação na leitura. A criança precisa de incentivo para se formar leitora, e todos devem apoiá-la. Diante das dificuldades encontradas em sala de aula, observou-se que a formação de nossos alunos em leitores críticos ou não, depende muito do processo inicial na educação.

Vários pontos foram analisados em se tratando de como podemos dar continuidade à formação desses leitores. O professor é o principal instrumento para que o aluno se forme ou se capacite a fazer uma leitura significativa. Quando falamos sobre isso, queremos que nossos alunos prossigam com as expectativas que eles tinham no jardim de infância em relação aos clássicos literários, e que isso tenha continuidade na adolescência e na vida adulta.

O professor é aquele que dá continuidade ao prazer da leitura em sala de aula. É nesse ambiente que o aluno, ou melhor, a criança, transfere todo seu conhecimento para os outros em relação aos seus saberes. Os PCNs (2001) enfatizam a importância da leitura e afirmam que o ambiente escolar merece um espaço privilegiado para que o leitor efetive suas estratégias e possa transformar-se num leitor proficiente.

Apesar de toda essa importância do professor, sabemos que nem sempre esses ambientes existem nas escolas. Claro que a leitura depende da existência do livro ou de outro instrumento que possa mediar esse aprendizado. O papel do professor é crucial, insubstituível, é ele que consegue transformar simples palavras em contos mágicos, prazerosos, emocionantes. O papel do professor é transmitir através de seu ensinamento a importância e o que podemos adquirir na leitura.

Quando encontramos alunos com o processo de aprendizagem bem formado, vimos que o seu ambiente social e familiar se importou com o desenvolvimento do aluno/criança, o papel do professor é observar, incentivar, mediar, inserir a leitura, mas, somente com o apoio dos familiares e sociedade, esse aluno/criança se tornará um leitor apto a fazer críticas e a transformar-se em uma pessoa bem instruída. Nunca esquecendo que o professor é peça fundamental para a formação desses leitores.

A leitura em sala de aula

Sabemos que o processo de aquisição da leitura da criança começa muito antes do que imaginamos: na sociedade, no ambiente familiar, nos contatos com as diversas formas de signos, no contato com os porquês da vida. É a partir daí que a criança passa para o processo de interesse pela leitura, quando ela começa a pedir respostas. Quando falamos que a família é muito

importante, estamos afirmando que o interesse da criança pela leitura começa dentro de casa.

A família insere signos na vida da criança sem que ela saiba, através do uso de imagens, fotografias, eletrônicos. Percebemos que aquisição de leitura está cada vez mais precoce. A criança chega à escola com informações diversas do mundo e da sociedade, e nisso a leitura em sala de aula se torna construtiva, pois, os conhecimentos que elas já possuem passam a fazer parte do processo educacional. Quando falamos em educação, falamos na transmissão de informações, em que os professores se capacitam para transmiti-las para as crianças. Portanto, a forma de aprendizagem, e em especial a prática da leitura, passa pelas habilidades sociais e afetivas inseridas pelos adultos em casa ou na sociedade. Quando a leitura começa a fazer parte da vida dos alunos, esses ainda crianças, em processo de aquisição de conhecimentos, passam a fazer parte de uma sala de aula para adquirir suas novas habilidades.

Ao entendermos que o ambiente escolar parte do pressuposto de educar, transmitir conhecimentos, esses que muitas vezes são sistemáticos, organizados, baseados em princípios universais, o aluno/criança passa a deixar de lado aquele processo que ele tinha como familiar, com brincadeiras e historinhas para dormir, deixando de ser interlocutor, passando a fazer parte de seu próprio processo educacional, transformando-se em locutor, aquele que transmite as histórias. Veja a que linha de pensamento do PCNs (2001, p. 53) a seguir.

[...] A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto [...]. Não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão, na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita.

Diante do exposto e que rege a linha da educação nacional, devemos nos ater sobre se realmente esse processo está sendo seguido, pois, se a leitura é um processo de construção ativa, então por que os alunos estão com tanta dificuldade para aprender a ler, ou melhor, estão saindo da educação fundamental I sem realmente ler efetivamente.

É nesse momento que a leitura em sala de aula será observada pelo professor, é a partir daí que começa o interesse do aluno em vivenciar seus momentos de prazer sobre a leitura e insere seus conhecimentos no ato de ler. A leitura em sala de aula passa por vários processos. Devemos ficar atentos, pois, quando o aluno/criança não desenvolve essa habilidade é dever do professor comunicar as pessoas responsáveis, como o setor pedagógico, para que essa criança não deixe de aprender.

Para a formação de um bom leitor o próprio PCN (1997) deixa claro alguns pontos obrigatórios para que isso se torne possível:

- dispor de uma boa biblioteca na escola;
- dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia (para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também);
- planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras, fora da escola;
- possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura com outras pessoas em casa, principalmente quando se trata de

histórias tradicionais;

- contextualizar a gramática, ensinando-a a partir de seus conhecimentos.

Quando falamos de leitura, devemos lembrar que no ambiente escolar o aluno/criança deverá adquirir esse processo até o 5º ano do Ensino Fundamental I, mas nossa realidade é bem diferente. De acordo com os relatos dos professores, ao responder um questionário sobre onde está a dificuldade de leitura, eles concordam que a leitura não está sendo bem trabalhada durante o processo de alfabetização, isso também se observou durante os estágios obrigatórios, onde encontrou-se parte dos alunos inclusive no Ensino Médio, com enorme dificuldade na leitura; estamos encontrando analfabetos funcionais.

Embora saibamos que a leitura precisa de incentivo, não podemos deixar de comentar sobre os preços aplicados nos livros de literatura, isso também dificulta o acesso à leitura, para pessoas de baixa renda esses valores fogem de suas realidades, fazendo assim com que as crianças tenham contato com os livros só no ambiente escolar, ou por outras pessoas da sociedade. Essas que muitas vezes apoiam a leitura para ajudar na formação do caráter e dignidade das crianças de hoje.

Um dos fatores que pode eliminar o interesse pela leitura, é o nível de dificuldade de compreensão de um texto. Bamberger (1987, p. 46) confirma essa afirmação citando Dahren-dorf, segundo o qual, “as crianças encontram pouco prazer na leitura quando esta lhes parece difícil”. Normalmente, começamos com textos fáceis e evoluímos conforme o aprendizado do aluno, mas os professores questionam os textos ou fragmentos deles expostos nos livros didáticos, por serem longos e de difícil interpretação, conforme relata uma das professoras.

Gostar ou não das atividades propostas pelos professores relaciona-se diretamente com o grau de motivação e esforço dispensado para a realização dela. É o que acontece, por exemplo, com atividades para as quais os alunos não têm autonomia, que pode ser desmotivadora quando comparada com aquela que é aceita ou escolhida pelo aluno, adquirindo assim um significado diferente para o mesmo (TAPIA; MONTEIRO, 2004).

Não estamos falando da formação de alunos críticos, mas do simples ato de ler parágrafos, textos de forma geral. Durante as leituras observou-se que os alunos não têm noção de espaço, pontuação, coerência, acentuação gráfica, dicção, entonação de voz, entre outros problemas. Nas práticas da leitura nos anos iniciais, os alunos observam os colegas para não cometer os mesmos erros, já com o passar dos anos escolares e a diminuição da prática da leitura, essa já quase obrigatória para trabalhos escolares, notou-se que os alunos não praticam a leitura, todavia não conseguem exercer corretamente essa habilidade. Para amenizar as dificuldades de interpretação e compreensão de um texto, Smith (2003) aconselha que a leitura seja rápida, seletiva e compatível ao que o leitor já sabe. Smith quer dizer que a leitura seja rápida e não descuidada, o leitor deve utilizar as informações não visuais (conhecimento prévio) para evitar ser confundido com uma leitura lenta, ou seja, uma leitura que busca muitas informações ao mesmo tempo, como vocabular, textual ou as informações implícitas.

Enquanto muitos alunos encontram dificuldades na leitura, outros a fazem perfeitamente, claro que independe da cultura, mas de seu empenho pessoal. Estamos vivendo uma realidade escolar diferente onde as novas tecnologias devem ser usadas como estratégias de leitura, mas o hábito de ler um livro, folheá-lo, não devemos deixar de lado.

De acordo com a pesquisa realizada pelo Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), em 2012 o desempenho dos estudantes brasileiros em leitura piorou em relação a 2009. Conforme os dados do Pisa, o país somou 410 pontos em leitura, dois a menos do que a sua pontuação na última avaliação e 86 pontos abaixo da média dos países da OCDE (Organi-

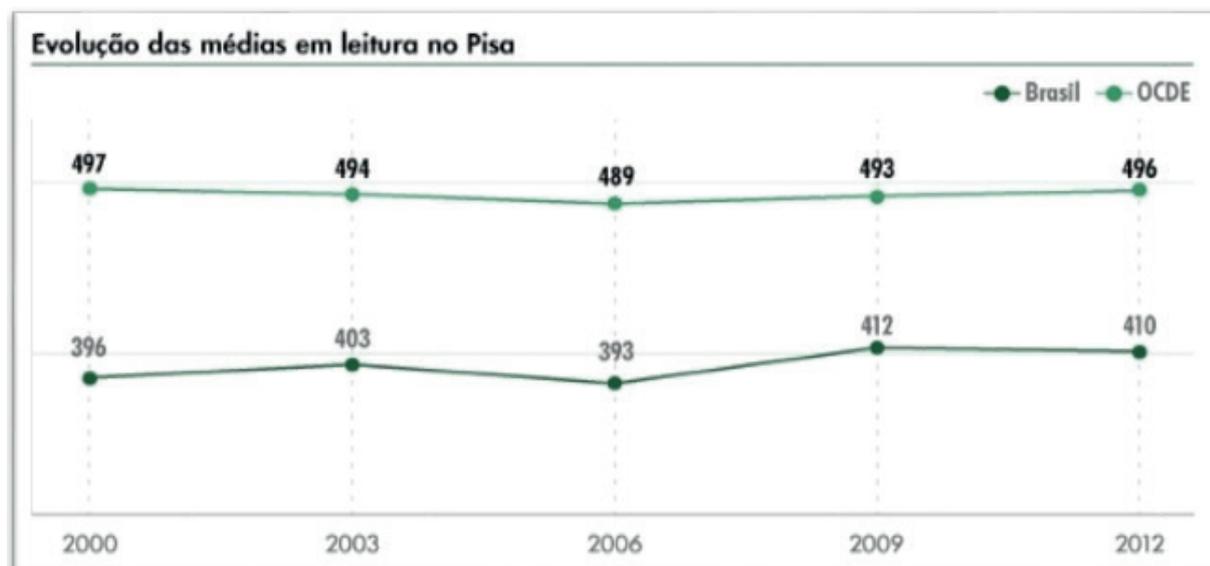
zação para Cooperação e Desenvolvimento Econômico). (UOL EDUCAÇÃO, 2013).

Com isso, o país ficou com a 55ª posição do *ranking* de leitura, abaixo de países como Chile, Uruguai, Romênia e Tailândia, sendo esses países em desenvolvimento. Segundo o relatório da OCDE, parte do mau desempenho do país pode ser explicado pela expansão de alunos de 15 anos na rede em séries defasadas, quase metade (49,2%) dos alunos brasileiros não alcança o nível 2 de desempenho na avaliação que tem o nível 6 como teto. Isso significa que eles não são capazes de deduzir informações do texto, de estabelecer relações entre diferentes partes do texto e não conseguem compreender nuances da linguagem. (UOL EDUCAÇÃO, 2013).

Essa pesquisa foi feita em 2012, há três anos, temos que esperar mais algum tempo para que essas dificuldades que encontramos agora sejam superadas, então, nos perguntamos: onde a educação vai parar? É uma realidade com que nós educadores ficamos muito entristecidos, mas, esperançosos para que essa realidade tenha outro caminho. Quando nos deparamos com esses índices alarmantes sobre a leitura no Brasil, um sinal de alerta deve ou já deveria ter sido ativado.

Devemos ter outras propostas para a mudança da realidade educacional do nosso país. Ao observar o gráfico do Pisa a seguir, vemos que em 12 anos, sendo a pesquisa feita de três em três anos, a leitura teve variações reais com índices até mais baixos, mas se levarmos em consideração que o acesso às redes de ensino, hoje é muito mais fácil do que havia há seis anos, e que o nível de leitura caiu em 12 anos, é extremamente preocupante para nós educadores e governantes de nosso país. No gráfico a seguir vemos o desenvolvimento da leitura no país, sendo lamentável a posição do Brasil em relação a outros países em desenvolvimento.

Figura 1. Evolução das médias em leitura no Pisa



Fonte: Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-brasil-piora-em-leitura-e-empaca-em-ciencias.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

Quando essa pesquisa foi feita em 2012, com os resultados divulgados somente em 2014, temos uma perda enorme no processo de leitura, hoje nos deparamos com uma educação voltada para o trabalho, uma educação tecnicista, onde o rumo que se toma está evidente, o aluno precisa saber quanto a leitura vai influenciar em seu trabalho, mas o que se esquece é que se o aluno não possui o hábito da leitura, como ele vai ser inserido na sociedade, sendo esta exigente com a formação de um caráter e desenvoltura para certas funções.

Esses índices deixam clara a falta de leitura, e que essa falta está prejudicando nosso desempenho econômico. Se um aluno não consegue fazer uma leitura de simples informativos, como ele vai corresponder às expectativas de um empregador? Isso que estamos falando de alunos de Ensino Médio, imagine então como chegarão os alunos com esse índice projetado para daqui a três anos, sendo o resultado divulgado somente dois anos após, a dificuldade está em como recuperar esse tempo com os alunos, pois o tempo perdido no processo de leitura implica cada vez mais no futuro.

As dificuldades encontradas na prática da leitura

Embora saibamos que muitos de nossos alunos já sabem ler, ainda encontramos dificuldades em fazê-los entender a leitura, a interpretação textual que é uma das vertentes da leitura está no momento com dificuldades em nosso processo de ensino. Claro que levando em consideração o tempo em que o aluno passa em sala de aula praticando a leitura e os pontos que a cercam, o aluno precisa praticar além da sala de aula, pois a leitura está sempre em construção.

Com isso, podemos dizer que os caminhos a serem percorridos para obter uma leitura plena passam por uma série de obstáculos até chegar ao leitor crítico. Sendo assim, as dificuldades em praticar a leitura em sala de aula se tornam tão complicadas e extensas, porém a junção de professores e a vontade de querer saber passam por todas essas barreiras.

Hoje um dos grandes desafios do professor em aplicar o conteúdo ou até mesmo uma leitura textual para um trabalho em sala é a falta de vontade do aluno de aprender, lembrando que há pouco tempo os alunos liam os livros que faziam e ainda fazem parte de conteúdos programáticos de língua portuguesa, como: Dom Casmurro, de Machado de Assis; Vidas Secas, de Graciliano Ramos; O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, entre outros clássicos da literatura, com interesse, vontade de saber, claro com a obrigatoriedade, mas mesmo assim eles faziam a leitura.

Essas dificuldades encontradas pelo professor estão no fato de que o aluno exige pouco do hábito da leitura, os textos expostos nos livros didáticos não envolvem os alunos, são textos ótimos, mas os alunos não querem leitura com palavras complicadas, onde eles precisam do dicionário para entender o texto. Para eles as palavras precisam ser simplificadas, por códigos, símbolos e facilidades na compreensão. Se estes conhecimentos não forem respeitados, o objetivo e aprendizagem da leitura não serão alcançados. Isso acontece muito nas escolas, principalmente nas tradicionalistas.

A maioria dos educadores de Língua Portuguesa, preocupada em seguir um plano didático, oferece aos estudantes leituras de níveis bem superiores aos deles, proporcionando perplexidade diante do texto lido devido à incompreensão gerada por deficiência em algum conhecimento.

O professor precisa se renovar para tomar a atenção do aluno na prática da leitura, quando incentivado por um mediador, sendo ele, professor, amigo ou parente, o leitor começa a se interessar pela leitura de modo peculiar, onde aos poucos com os novos processos eles se acostumam com a leitura. Uma das dificuldades encontradas é a maneira que a leitura é cobrada. Eis a palavra: cobrança. Os alunos não querem cobranças, eles precisam de um espaço pessoal para aceitar que a leitura lhe trará um novo perfil de pessoa, com novos saberes, com opiniões

próprias. Vejamos o que diz Magda Soares (2001, p. 48) a respeito da leitura:

Ler é um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente decodificar sílabas ou palavras até ler Grande Sertão/Veredas de Guimarães Rosa...uma pessoa pode ser capaz de ler um bilhete, ou uma história em quadrinhos, e não ser capaz de ler um romance, um editorial de jornal.... Assim: ler é um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõe um longo e complexo contínuo...

Os alunos precisam dessas habilidades, nós professores, observamos os alunos e os avaliamos através de suas produções textuais, quando o aluno possui pouco conhecimento, conhecimento esse que adquire com muita leitura, as produções ficam pobres, com parágrafos soltos, o verdadeiro texto perdido.

Devemos nos aperfeiçoar para proporcionar uma leitura dinâmica e envolvente, usar as tecnologias, (essas que estão nos bolsos de nossos alunos). O celular é uma arma viciante, onde eles não produzem suas próprias palavras, muito menos os textos. As dificuldades encontradas acarretam outros problemas, se os alunos não têm o hábito da leitura, eles escrevem pouco e com muita dificuldade, não estamos falando de doenças que prejudicam o aprendizado, mas sim, da falta de motivação, interesse de querer aprender.

Claro que a leitura em sala de aula apresenta dificuldades, mas cabe a nós professores diminuir esses problemas, transformar a sala de aula em uma viagem por lugares e histórias cativantes, usar as novas tecnologias de forma coerente, envolver os alunos a fazer parte da história através de teatro, transformar a sala de aula em verdadeiros ambientes para se fazer uma leitura, ocupar os alunos de forma prazerosa, tanto na produção quanto na discussão dos textos, e melhorar sua forma de ver o mundo.

Para Cagliari (1989, p. 26) “Muitas das abordagens escolares derivam de concepções de ensino e aprendizagem da palavra escrita que reduzem o processo da alfabetização e de leitura a simples decodificação dos símbolos linguísticos. A escola transmite uma concepção de que a escrita é a transcrição da oralidade”.

Estratégias de leitura

Podemos definir as estratégias da leitura como: as formas utilizadas pelo leitor para facilitar a compreensão dos dados informativos de um texto. Claro que esses procedimentos adotados se diferenciam de pessoa para pessoa, pois cada um assimila as coisas de maneira diferenciada. Para prender a atenção dos alunos, devemos trazer a realidade para a sala de aula, vivências do dia a dia dos alunos fazem com que eles assimilem melhor os conteúdos explicados, quando o professor transfere esses dados para o conteúdo didático o aluno enxerga muito mais do que apenas o que ele está presenciando com a explicação do livro, fazendo com que ele aprenda.

De acordo com Foucambert (1994, p. 30),

[...] ser leitor é querer saber que o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que e se passa na nossa, [...] Ao mesmo tempo implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produz.

Algumas pessoas encontram dificuldades em ler, pois acham cansativo, monótono e difícil essa prática. Isso ocorre porque, na maioria das vezes, o indivíduo ainda não encontrou um meio estratégico para promover sua leitura de maneira prática.

Calvino diz o seguinte a respeito da leitura entre os jovens, esses que estão cursando o Ensino Fundamental II e Ensino Médio:

De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiências da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas as coisas que continuam a valer mesmo que recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havia esquecido. (CALVINO, 1993, p. 33).

Portanto, vejamos algumas estratégias simples para uma boa leitura. Duke e Pearson (2002) identificaram seis tipos de estratégias de leitura que as pesquisas realizadas têm sugerido como auxiliares no processo de compreensão, a saber: predição, pensar em voz alta, estrutura do texto, representação visual do texto, resumo e questionamento. A predição implica antecipar, prever fatos ou conteúdos do texto utilizando, o conhecimento já existente, para facilitar a compreensão. De acordo com Duke e Pearson (1993), essas estratégias são:

Leitura em voz alta – enquanto lê em voz alta, a concentração é facilitada, já que a leitura silenciosa pode sofrer interferências de pensamentos alheios ao assunto tratado no texto.

Exposição de pensamentos – é quando o leitor expõe, verbaliza o que está pensando a respeito do que lê. Esta prática desperta o interesse da pessoa por aquela leitura sem que perceba.

Identificação dos fatores chaves – o leitor identifica os elementos mais importantes da narrativa: os verbos, as personagens, as características e qualidades principais. Qual é o objetivo do texto? E para qual tipo de leitor? Qual é o posicionamento do autor: a favor ou contra? Perguntas como estas são feitas e respondidas pelo próprio leitor depois de analisadas novamente no texto.

Representação visual dos acontecimentos – à medida que lê, o indivíduo faz reproduções mentais acerca dos fatos. Dessa forma, o conteúdo é internalizado através das imagens obtidas através da leitura.

Antecipação das informações – diz respeito ao conhecimento prévio que o leitor possui a respeito do que lê. Assim, enquanto faz a leitura vai se lembrando do que já sabe sobre o tema abordado e presumindo o que virá a seguir. Este método causa tranquilidade e conforto.

Questionário – fazer perguntas sobre o texto torna a leitura fácil para algumas pessoas. Trata-se de elaborar um questionário sobre a leitura, o qual é respondido pelo próprio leitor, claro.

Resumo – fazer uma síntese do texto à medida que lê. A cada período mais importante, o leitor escreve uma oração que o resume em um papel ou então no próprio livro, ao lado do parágrafo (faça isso, caso o livro seja seu).

Partindo dessas estratégias observamos que o ato de ler pode ser muito mais simples do que se imagina, mas não podemos esquecer que para que isso ocorra precisamos da colaboração de todos, amigos, familiares, professores, e todos integrantes que vivem com o indivíduo, desde a primeira infância.

Ressaltamos que estamos falando de ler, e não do outro fator que nos leva à leitura, ponto este que é de extrema importância para a formação do leitor, “o crítico”, tendo este já

passado pelos processos e estratégias existentes para se capacitar a ponto de estabelecer seu entendimento sobre o texto lido.

Durante o processo de formação, obtivemos dados relevantes em relação à leitura dos alunos, observando que eles não possuem o hábito de pegar o livro, apenas no momento da leitura. Eles não obedecem a uma rotina (até mesmo para estudar). Quando falamos de cobrança das estratégias que devemos seguir para transformar leitores aptos, nos deparamos com uma série de barreiras, essas que caminham para a não preparação e formação de docentes, e alunos que possuem imaturidade para absorver essas estratégias.

Harry Wiese (2012, p. 127) diz: “toda pessoa que lê conhece mais e melhor as coisas, que a literatura não é só um passatempo e que o escritor possui sempre o objetivo de focalizar a situação do ser humano no mundo, pois suas visões são alicerçadas em seu conhecimento, da vida e circunstância”.

Estão podemos dizer que para formar leitores não podemos excluir suas vivências, suas realidades, seus sentimentos e tudo o que lhe cerca durante sua história. Constatando os estudos de Vygotsky, (1987, p. 109), que “a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar”, [...] “ou seja, quando a criança entra na escola já existe um histórico de aprendizagem antes da aprendizagem escolar”.

A escola, como explana o autor, irá orientá-lo e estimulá-lo, embora o aluno já tenha produtos de aprendizagem em sua mente. As estratégias devem ser trabalhadas com os alunos desde muito cedo, para adquirirem uma rotina de aprendizado.

Quando ativamos nos alunos o gosto pela leitura, já desde a infância, seguindo o ritmo que seus pais os colocaram, damos a eles uma esperança de um mundo melhor. Proporcionamos um prazer inigualável, o de ser e pensar com as nossas próprias ideias.

Material e métodos

Durante o processo de aprendizagem do Curso de Letras, pudemos ter acesso a vários métodos de pesquisas. Observamos que através de questionamentos nós poderíamos obter resultados significativos e concretos, pois, o contato com professores e alunos, diariamente, nas escolas, poderia ser muito proveitoso.

As bases do nosso questionamento era a formação do leitor e os meios utilizados para o mesmo. Com perguntas direcionadas para cada um, analisamos suas respostas e chegamos aos resultados.

Questionário utilizado:

ESTÁGIOS I, II, III

Nome: (professor entrevistado)

Disciplina:

01- Qual seu tempo de formação acadêmica?

() Menos que 3 anos.

() Entre 3 e 8 anos.

() Entre 8 e 13 anos.

() Mais que 13 anos.

02- Você percebe mudanças no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa levando em consideração a data da sua formação, quais?

03- Qual é a importância do ensino de literatura em suas aulas? Sendo você professor de língua portuguesa?

04- Em seus planos de aula com que frequência você leva os alunos à biblioteca?

Uma vez por semana.

Raramente.

Nunca leva.

05- A leitura é bem recebida pelos alunos quando o interesse não está relacionado à avaliação?

06- Como é feito o envolvimento dos alunos com a literatura, em consideração às novas tecnologias?

07- Sabemos que a literatura deve ser incentivada desde sempre aos alunos, quais os gêneros literários você observa que mais chamam a atenção dos alunos?

08- Quais são as ferramentas mais utilizadas em suas aulas?

Somente o material didático oferecido pela instituição.

Utiliza materiais como, data show, computadores, vídeos.

Faz união do material didático com as novas tecnologias.

Utiliza livros didáticos, quadro e giz.

09- A literatura pode ser explorada de várias formas com os alunos como, teatro, músicas, poemas, declamações entre outras, sendo assim, qual ou quais dessas formas eles demonstram interesse para haver aprendizagem do conteúdo proposto?

10- Qual é a importância da leitura dos grandes clássicos da literatura, como Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Raquel de Queiroz no ensino de literatura atualmente?

Este questionário foi voltado a professores de Língua Portuguesa, com mais de cinco anos de profissão. Durante o questionamento feito com relação à leitura, e as literaturas, observamos que muitos professores reclamaram da falta de interesse dos alunos do Ensino Fundamental II, mas os professores do Ensino Fundamental I narraram com muita satisfação o interesse de seus alunos. O encontro de maior dificuldade foi o Ensino Médio, onde há falta de interesse, juntamente com o cansaço depois de um dia de trabalho, pois os alunos frequentam ensino noturno, o que deixa o professor com dificuldades para ensinar o conteúdo programado.

Outro entrave está relacionado com as novas tecnologias, pois muitos professores não estão preparados para o uso da informatização com tanta velocidade. Ao invés de se aperfeiçoarem, os professores optam em continuar lecionando de forma tradicional, (livro didático, quadro, giz). Quando perguntados sobre o aperfeiçoamento, muitos alegam a falta de tempo, por lecionarem, muitas vezes, 60 horas semanais, e desinteresse por não serem motivados a fazê-lo.

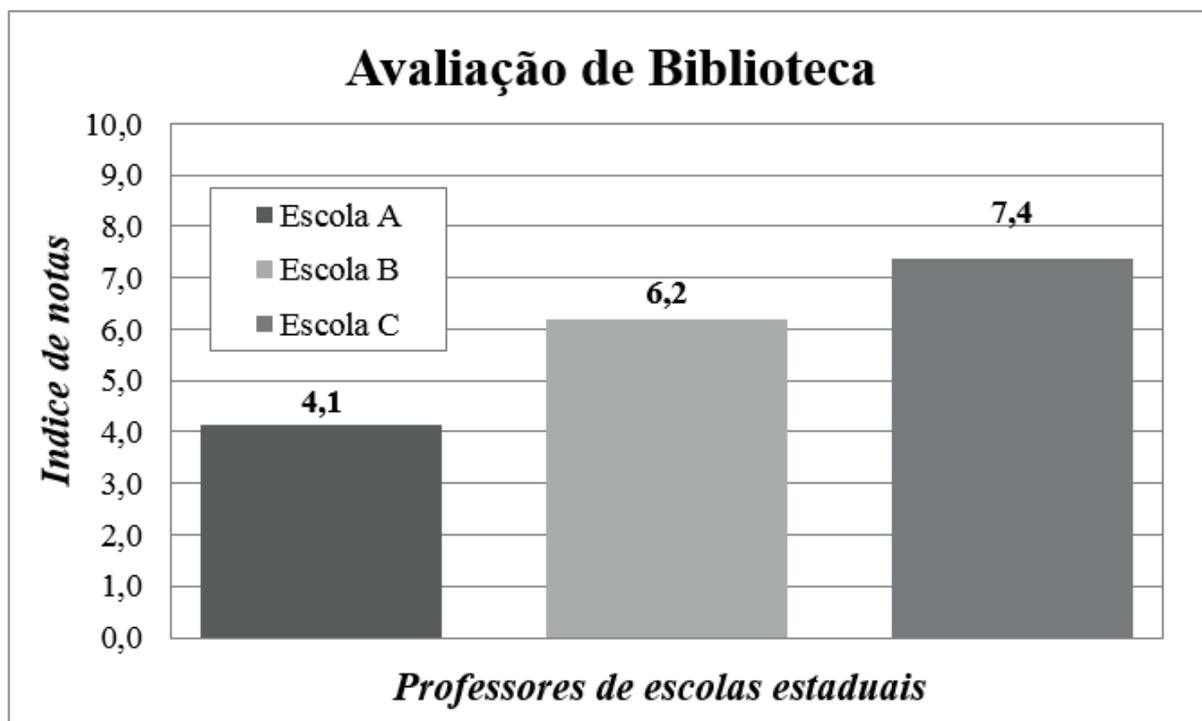
Todos os professores relataram a importância da leitura principalmente dos clássicos, pois o aluno deve ter conhecimento de nossas obras, uma vez que elas trazem conhecimento de tempos que eles não presenciaram. As nossas literaturas possuem relatos de realidades em um passado que foi muito contado por autor Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Machado

de Assis. Os alunos do Ensino Médio fazem uso frequente da literatura brasileira, mas quando falamos de livros que os envolvem com idade entre 12 e 18 anos, falamos de livros estrangeiros, sagas, romances, aventuras.

Um ponto positivo relatado pelos professores da rede pública estadual é o fornecimento de literaturas de autores regionais. Muitas escolas possuem acervos diversificados para os alunos do Ensino Fundamental I e Ensino Médio. Devemos também envolver os alunos com outros tipos de textos, pois a intertextualidade é importante ferramenta a ser utilizada em qualquer nível escolar.

Uma das barreiras encontradas nas escolas onde a pesquisa foi feita, está relacionada ao ambiente principal, o qual deveria fornecer espaço e concentração para a leitura, estamos falando da biblioteca. Levando em conta que em três escolas foi feito o questionamento para quatro professores, por escola estadual da região carbonífera, avaliando a biblioteca de zero a dez, os resultados podem ser observados na figura a seguir.

Figura 2. Avaliação de satisfação de bibliotecas estaduais



Fonte: Os autores

Na figura exposta, elaborada a partir dos questionamentos feitos a 12 professores da rede estadual de Criciúma, nos mostra que encontramos muita dificuldade no ambiente principal que é a biblioteca. As médias foram adquiridas durante os estágios obrigatórios.

Com os dados verificou-se a insatisfação dos professores com relação à biblioteca, tanto os alunos e até mesmo as autoridades escolares reclamam desse ambiente, alegam que estão passando por reformas e que isso atrapalha o desenvolvimento dos alunos. Esse deveria ser um ambiente com muito cuidado e organização, mas não foi isso que os professores relataram, a falta de espaço, barulho, e organização foram os pontos mais abordados. Deveria haver um profissional capacitado para separar exemplares por gênero, nível de idade, poetas ou escritores. Deveria ser silencioso, espaçoso, confortável, com equipamentos de internet para pesquisas (pontos levantados pelos alunos).

Entretanto, mesmo com tantas dificuldades, todas as escolas possuíam projeto de leitura, para alunos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Foi também em uma dessas escolas que presenciamos a evolução dos alunos no processo de aprendizagem da leitura, quando um aluno de 12 anos com dislexia, conseguiu fazer uma leitura fluente e sua escrita também evoluiu, com isso sentimos que muito mais que a sala de aula, o aluno precisa de apoio, e esse pode vir de qualquer lugar. Então o aluno que tem dificuldades e se depara com um ambiente que não lhe proporciona essa evolução, terá defasagem no aprendizado.

Os projetos que envolvem os alunos dentro e fora da escola são de muita importância, isso faz com que todos tenham um aprendizado de qualidade. Devemos nos envolver na construção de saberes dos alunos em todas as idades e ocasiões. As escolas fazem os projetos de maneira a cativar os alunos para a formação de cidadãos de bem, com aprendizado de qualidade e com capacidade de viver em um país com tantas divergências nas escolas.

Resultados e discussão

Com base nas pesquisas e com a exposição do gráfico obtivemos resultados significativos em relação à formação do professor, quanto a importância da leitura em sala de aula. Um dos pontos que precisa ser trabalhado é a questão da influência das tecnologias em sala de aula. Muitos professores tiveram resistência em aceitar que em uma aula de Língua Portuguesa precisa-se muito mais que livros didáticos, que os alunos precisam de incentivo constante para a prática da leitura.

Quando levamos em consideração o tempo de sala de aula, temos a impressão que os professores que já estão em final de carreira não querem mudar seus métodos tradicionais de lecionar. Durante a pesquisa com a leitura de outras literaturas relacionadas à formação de leitores, observou-se que a defesa por uma sala de aula diferenciada, com livros de acesso livre, com motivação à leitura, não era algo aderido por todos os professores.

A proposta de mudança assusta, quando perguntados sobre a frequência em que os professores levavam os alunos na biblioteca. Verificou-se que não basta levá-los à biblioteca, mas precisa ter uma programação com intuito de influenciar os alunos a querer ler, a se envolver com as histórias lidas, cativá-los fazendo leituras em conjunto, verificando o entendimento das leituras feitas.

Os resultados obtidos nos levam a entender os motivos pelos quais o Brasil está 55º lugar nas pesquisas mundiais, segundo o relatório da OCDE. Os professores que estão há menos tempo em sala de aula sentiram os reflexos desses índices. Não só há uma preocupação educacional, mas também econômica, devido a falta de alunos capacitados com leitura fluente, capazes de ler um simples manual de funcionamento de uma máquina, por exemplo. Como serão os futuros leitores, esses da geração Z? Em que as facilidades da vida moderna os impediram de tomar decisões sobre suas próprias vidas?

Considerações finais

Durante as pesquisas para a elaboração deste artigo, percebemos que a leitura vai muito além da escola e dos livros. A leitura simplesmente está no modo em que cada um enxerga o outro ou o mundo. A conclusão é que, se não sabermos ler, não conseguimos evoluir e merecer um lugar na sociedade não conseguimos escrever nossa história.

O gosto pela leitura é um exercício constante na vida das pessoas, sendo elas crianças, jovens ou adultos. Formar leitores exige persistência, técnicas, envolvimento entre leitor e interlocutor. O mundo em que vivemos deixa aberto um canal de oportunidades para esse aprendizado.

Partindo da análise das escolas estaduais, ficou claro que não basta o professor ter vontade de ensinar, é preciso incentivo público e comunitário para essa formação ser eficiente.

À medida que formamos leitores também construímos um país mais justo e digno, capaz de estabelecer direitos de escolhas a esses jovens. O Brasil precisa melhorar sua posição em relação ao nível de leitura. Devemos ser capazes de transformar o país com exemplos, ações, e não ficando à espera das outras pessoas. A união dos professores contra essa falta de leitura é que fará com que os alunos tenham mais vontade de ler.

Não deixando de falar das novas tecnologias, ponto esse que está transformando o mundo, e principalmente o Brasil, onde existem mais celulares que pessoas, devemos nos favorecer, buscar mais informação, nos capacitar, para que os alunos aprendam de forma abrangente as coisas relacionadas à educação. Estamos vivendo em um país que é tomado por *sites*, *blog*, *e-books*, então, por que não unir as tecnologias com nossas aulas diárias? Devemos envolver mais o aluno, trazer para a sala de aula acontecimentos da sociedade.

Durante toda a pesquisa, observamos que as literaturas encontradas em relação à formação de leitores, sendo críticos ou fluentes, foram determinantes em uma questão: se não praticamos a leitura, não aprendemos corretamente; as estratégias estabelecidas são de extrema importância.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, assim, os PCNs, deixam claro qual é o verdadeiro papel da leitura em relação ao aluno, e se Bakhtin diz que a leitura é um fenômeno social, vamos nos unir para que essa prática seja cada vez mais constante. Não podemos esquecer que o papel da família, no processo de leitura na educação infantil, é tão importante quanto o do professor.

Ler nos engrandece, nos torna capazes de tomar nossas próprias decisões, faz com que tenhamos direito de nos capacitar. Ler é muito mais que folhear páginas com figurinhas. Ler é fazer parte da história, é construir nossa própria história. A capacidade de ler deve ser entendida como a própria construção de pensamentos sobre a realidade e a fantasia, em querer fazer parte ou construir sua própria história.

Nossa sociedade precisa entender que sem leitura não há conhecimento, o cidadão precisa ter claro o quanto ler é importante, o crescimento individual depende claramente da busca incessante de novas informações, de sonhos, de trabalho. Sendo assim, compreendemos que a leitura vai muito além da sala de aula. Além de novos saberes, ela transforma os caminhos percorridos durante nossa vida.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

BRAGHIROLI, E. M. et al. **Psicologia geral**. 9. ed. Porto Alegre: Editora Vozes, 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. MEC/CNE/CEB. Brasília-DF, 1996.

BRASIL. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 3. ed. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Brasília, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística.** São Paulo: Scipione, 1989.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos.** Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DUKE, N. K.; PEARSON, P. D. **Effective practices for developing reading comprehension.** In: FARSTRUP, A. E.; SAMUELS, S. J. (Orgs.). What research has to say about reading instruction. Newark: Internacional Reading Association. 2002. p. 205-243.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KLEIMAN, Â. **Leitura: ensino e pesquisa.** 2. ed. Campinas SP: Pontes, 2001.

MOREIRA, Nadja da Costa Ribeiro. Orientações para o ensino da leitura. **Revista de Letras,** Fortaleza, n. 7 (1/2), p. 65-92, jan./dez. 1984.

OLÍMPIO, Cláudia de Castro. Como formar leitores e escritores competentes. **Revista Soletras,** n. 15, 2008.

PALO, Maria José de; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil.** Voz de Criança. São Paulo: Ática, 1986.

REITER, Airton Júlio; SARDAGNA, Célio Antônio. **Literatura e história: caderno de estudos.** Indaial: Editora Grupo Uniasselvi, 2009.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler.** 4. ed. Tradução de Daise Batista. Alegre: Artmed, 2003.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TAPIA, J. A., MONTERO, I., Orientação motivacional e estratégias motivadoras na aprendizagem escolar. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J., Cols. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2004. 3 v.

UOL EDUCAÇÃO. Pisa: desempenho do Brasil piora em leitura e “empaca” em ciências. 3 dez. 2013. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-brasil-piora-em-leitura-e-empaca-em-ciencias.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo - SP: Martins Fontes, 1987.

WIESE, Harry. **Teoria da literatura**. Indaial: Editora Grupo Uniasselvi, 2012.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.